

PROTESTO

POEMAS



Carlos
de Assumpção

PROTESTO

POEMAS

Carlos de Assumpção

capa:

Marco Antônio Russi

disposição:

Luiz Cruz de Oliveira

Para

Dalmo Ferreira

Israel de Castro

Jaime de Aguiar

Jorge Prado Teixeira

Ovidio Pereira dos Santos

Solano Trindade (poeta maior)

homenagens póstumas

Para

Cirilo de Moura Campos (in memoriam)
meu avô materno

Matheus Carlos de Assumpção e
Sebastiana de Souza Campos Assumpção
meus pais

meus três primeiros professores de negritude

Para

GRUPO VEREDAS

com carinho e reconhecimento

Ler um livro como este, de Carlos Assumpção, não é somente se emocionar à contundência de sua poética. É sobretudo um desafio a que se busque no curso histórico, sociológico e mesmo psicológico do desenvolvimento da sociedade brasileira todo esse tom rebelde que caracteriza a sua arte:

*O sangue dos meus avós
Que corre nas minhas veias
São gritos de rebeldia*

Imagina-se nessas páginas o mesmo fluido de rebeldia que pairava no ar de todas as senzalas que se espalhavam pelo Brasil. A mesma rebeldia que ocasionava as fugas isoladas ou coletivas. A mesma rebeldia que gerava os quilombos como redutos de afirmação e resistência. Só que no desenrolar da história brasileira o negro teve pouca oportunidade de documentar, como autor, a sua intolerância pela injustiça, pela opressão, pela asfixia à sua vocação libertária, e, acima de tudo, o seu repúdio à ingratidão e falta de reconhecimento à sua efetiva participação, com trabalho, sacrifício, sangue e lágrimas na formação deste país. Escrever, fazer literatura escrita e traçar os rumos históricos do Brasil sempre foi pretensão, privilégio e primazia de reduzida elite branca. Tudo começou no período colonial quando se ia buscar conhecimento na Europa. O processo continuou na estruturação e estraficação da sociedade brasileira, que se rompeu politicamente com Portugal no 7 de setembro de 1822 mas que seguiu estritamente as trilhas culturais européias até os nossos dias.

A autenticidade etnocultural brasileira fica prejudicada se se subestimarem os valores negros e índios

que nela entraram ao lado do branco europeu como primeiros formadores do nosso povo, de nossa cultura. Assim como na composição dos elementos da natureza, também na química social cada componente tem o seu peso atômico e deve ser levado na devida consideração quando se procura analisar e valorizar a sociedade em cuja composição ele entra.

Côncio disso, Carlos Assumpção não se conforma com a preterição em que o negro é relegado no contexto racial brasileiro. E inconformado ele protesta à maneira de corajoso Zumbi:

Senhores

Eu fui enviado ao mundo para protestar

Mentiras ouropéis nada

Nada me fará calar

Sabe-se que, egresso de um duro regime de escravidão, difícil acesso aos bancos escolares e confinado em precária condição econômica, o negro tem tido pouca condição para escrever e publicar livros. A sua história, os seus problemas e os seus dramas têm sido vistos e editados pela óptica e iniciativa dos outros. Mesmo assim já surgiram poucos mas expressivos negros na literatura brasileira. Por que Carlos Assumpção é quase só na poesia negra de protesto e contestação? Teriam os outros escritores consciência adormecida? Eis aí um ponto de interrogação em que vamos tentar mexer reflexivamente: 1) vendo os fatos de uma perspectiva histórica; 2) vendo-os de uma perspectiva sociológica e; 3) finalmente por um ângulo psicológico. Da visão histórica, a história mudou. Já não se restringe mais a ser um veículo de crônicas de reis e barões mas passou a ser um instrumento sério de aferição de dados referentes a acontecimentos. Daí a questão a colocar: se a visão da história do negro brasileiro de Carlos Assumpção que a estuda por um prisma moderno é a mesma dos intelectuais negros do passado que estudavam meramente pelo ângulo fátual. Quando encaramos os fatos pelo prisma sociológico, constatamos que é perfeitamente possível se elaborar ao longo dos tempos, toda uma *sociologia da desvalorização dos valores negros*, pois o negro tem sido tão discriminado pela sua cor, pelo seu cabelo pixaim, pelo cheiro do seu corpo,

pela sua religião, e por uma infinidade de outras coisas que tudo isso já mereceu um estudo científico a respeito. E daqui passamos para outro departamento científico: — psicologia. Se o negro é massacrado socialmente por tudo aquilo que tem de seu, de repente passa, psicologicamente, a temer os seus valores. Passa a querer ser branco via mulatismo, via posição social, via nível econômico, enfim, via qualquer meio de fuga, poi ninguém quer simbolizar o *ruim*, o *maldito*, o *desprezível* e até o *demônio*. Quando um negro tem chance de ser gente, até substituem a alma própria por uma alma branca. E se alguém já ousou ou ousar colocar alma branca no peito de Carlos que é brilhante intelectual simplesmente pelo mérito de ser humano dotado de inabalável capacidade de luta, independente de ser negro ou branco, por certo recebeu ou receberá esse poema ao rosto:

Isso é discriminação

Deixe disso meu irmão

Mesmo quando me elogia

Você mostra é prevenção

Pare com isso por favor

Quem já viu a alma algum dia

Pra saber se ela tem cor?

Fulano é preto *mas* é um bom sujeito. Qual o negro que não detesta essa antipática adversativa? A primeira vez que ela chocou a minha personalidade foi numa sala de aula. Eu era garoto e cursava o primário. De vez em quando a professora pegava a classe de surpresa para a revista de higiene dos alunos. Havia notas e eu sempre tirava as melhores porque o meu cabelo pixaim, as minhas orelhas, as mãos, as unhas, a roupa pobre, tudo enfim, sempre em perfeito asseio. Um dia, querendo me elogiar, ela chamou-me à frente da classe e disse: “Olhem, vocês estão vendo? Este aluno é *prezinho mas sempre limpo*”. Não sei se consegui reter as lágrimas no momento. O que sei é que até hoje me vem um nó na garganta cada vez que lembro daquela agressão que sofri numa sala de aula, por uma professora. E esse episódio da infância, passado numa sala de aula, me volta bem nítido agora diante de “Inocência” de Carlos Assumpção:

*A menina disse zangada
Que a sua colega do lado
"Me xingara de negro"
E acrescentou
"Deus vai castigar ela professor"
Ela vai casar com um negro*

Todavia, à medida que a história vai deixando de ser simplesmente um veículo de crônicas de reis e barões e passa a ser usada como um instrumento sério de aferição de acontecimento, os reais valores do negro vão surgindo não só em nosso país, mas também fora dele. Já não é mais feio ter cabelo pixaim, cor negra, nariz chato. Cada raça tem sua característica física. E nessas características cada etnia tem o seu modo de ser belo. Eis o que o poeta procura.

*Olho no espelho
E não me vejo
Não sou eu
Quem lá está*

*Senhores.
Onde estão os meus arbores
Onde estão meus orixás*

Para arrematar, vamos registrar que Carlos Assumpção mantém na sua poesia, estreita relação entre arte e vida social tendo portanto o cuidado de não fazer arte pela arte, mas uma arte rigorosamente engajada na luta pelo respeito e dignidade de sua raça.

Aristides Barbosa

TAMBOR N.º 1

Tambor
dá asas a nosso grito contido há séculos
grita
nada de pequenos lamentos inúteis
nada de pranto
grita
tambor
grita
estamos do lado de fora
com as mãos vazias
e as portas estão fechadas
com chaves de desamor
grita
tambor
grita
temos sede de vida
e estamos cansados de tanta dor.

CRIME

De repente
Duma viatura
Saltam sobre mim
Vários policiais

Com cassetetes revólveres
Metralhadoras em punho
E com ódio
No olhar

Me cercam de repente
No meio da calçada
Num círculo de terror

Não me pedem documentos
Não me perguntam nada
Basta a minha cor.

QUESTÃO DE SORTE

a José Batista da Silva

O negro era inteligente
O branco não
O negro era culto
O branco não
O negro era educado
O branco não
O negro era capaz
O branco não

Foram juntos pedir emprego
A uma mesma repartição
Umhas três vagas havia
Fizeram sua inscrição

Decisão
O branco foi contratado
O negro não.

PÉS BRANCOS SOBRE ESTRELAS

Vocês se apoderaram das terras

Dos rios e dos mares

Dos campos e das cidades

Dos costumes e das leis

Da vida e da morte

Do céu e do inferno

De Deus e do Diabo

Vocês se julgam senhores exclusivos de tudo

Vocês estão esquecidos

De que tudo aqui foi construído por mim

E ninguém mais

Vocês não percebem

Que pisam o sangue sagrado de meus ancestrais.

MEU QUILOMBO

Não acredito em ninguém

Não jogo de ponta-direita

Não jogo de ponta-esquerda

Não jogo de centroavante

Não vou jogar contra mim mesmo

Não me interessam tais posições

Sou apenas um homem

Lutando em seu quilombo de palavras

Apenas um homem

Tentando interpretar anseios e esperanças

De todo um povo desprezado explorado

Que um dia há de se levantar.

IDENTIDADE

Muita gente esquece irmão
Esquece maldosamente
Que negro tem coração
Tal como tem toda gente.

INOCENCIA

A menininha disse zangada
Que sua coleguinha ao lado
“Me xingara de negro”
E acrescentou
“Deus vai castigar ela professor
Ela ainda vai casar com um negro”.

PEDRAS

Deus devera, meu irmão,
(É o que sempre tenho dito)
Dar ao negro coração,
Mas coração de granito.

FÊNIX

Riram dos nossos valores
Apagaram os nossos sonhos
Pisaram a nossa dignidade
Sufocaram a nossa voz
Nos transformaram em uma ilha
Cercada de mentiras por todos os lados
Nos dividiram
Nos puseram à margem de tudo

Irmãos

Precisamos reconstruir a nossa vida
Precisamos conquistar nosso lugar
Na casa que um dia nós edificamos
E onde não conseguimos entrar
Precisamos reacender os nossos sonhos
Precisamos levantar a nossa voz
Precisamos derrubar
A muralha de rocha e cal
Que ergueram em torno de nós

ALMA BRANCA

Isso é discriminação
Deixe disso meu irmão
Mesmo quando me elogia
Você mostra é prevenção
Pare com isso por favor
Quem já viu a alma algum dia
Pra saber se ela tem cor?

REBELDIA

Nunca nunca irei para a guerra
(Declaro bem alto que não)
E não pense que sou covarde
Que covarde é quem mata irmão.

MÃE

Noite,
Os anos já pintaram de luar os teus cabelos,
No entanto, tudo parece estar acontecendo agora,
Neste instante,

Noite,
Após tantos anos,
Neste momento,
Vejo tudo diante de mim,
Como se estivesse assistindo a um filme da infância;

Nós, teus filhos, todos pequenos,
O relógio parado na hora de privações,
Tantos sonhos de asas quebradas pelos cantos
De nossa casa pobre, sem conforto;

Tu, mulher ainda jovem, tão boa, tão calma,
Constelação de esperanças e ternura,
Inspirando segurança,
Inspirando fé, amor,
Em meio a tantos vendavais.

Noite,
Tua luta foi para nós teu maior ensinamento.

Sofrias (hoje o sei), entretanto,
Em nossa presença, nunca uma lágrima
Rolou pelo teu rosto.

Noite,
Desde criança aprendi a amar-te,
Mas só hoje, adulto, é que vejo, comovido,
As incontáveis estrelas que brilham em teu ser
E que tantos vendavais não conseguiram apagar.

TEMA DE NATAL

Em mim, o Natal chegando,
Nascendo em mim o Jesus,
Dentro em meu peito brilhando,
A estrela cheia de luz,

Sairei pelos caminhos,
Cidades, ruas, estradas,
Consolando almas magoadas,
Corações cheios de espinhos...

Trei ao cimo das serras
Mais altas, para gritar,
Com voz mais forte que o mar,
Que não deve haver mais guerras...

Gritarei aos quatro ventos
Que somos todos irmãos,
Devemos dar-nos as mãos,
Pôr fim a tantos tormentos,
E depois de correr mundo,
Pregando aos homens o Amor,
Irei viver bem no fundo
De uma região esplendor,
Sem esperar gratidão,
Recompensa de ninguém,
Gozando a satisfação
De um dia ter feito o bem.

POEMA VERÍDICO

Em rostos de cal
Olhos impassíveis
Frios como punhais
A minha frente me dizem não
Se eu gritasse se eu gritasse
Se eu gritasse que os meus ais
Se eu gritasse que o meu pranto
Se eu gritasse que o meu sangue
As marcas do meu trabalho
Meu amor incomparável
Estão em todas as partes
Em toda argamassa da Pátria
Que adiantaria gritar

Se eu gritasse se eu gritasse
Que este País é “a maior
Democracia racial
Do mundo” como muita gente
Faz questão de proclamar
Que adiantaria gritar

Se eu gritasse se eu gritasse
Que existe em nosso Código Penal
Uma lei (Aqui entre nós ineficaz)
Que pune a discriminação
De raça ou de cor
Que adiantaria gritar

Se eu gritasse se eu gritasse
Que tem a nação para comigo
Uma dívida de quatro séculos
De quatro séculos de sacrifício
Que precisa ser saldada
Que adiantaria gritar

Se eu gritasse se eu gritasse
Que somos feitos do mesmo barro
Que somos filhos do mesmo Pai
Que adiantaria gritar

Estes olhos claros impassíveis
Frios como punhais
Continuariam me dizendo não.

TAMBOR N.º 2

Tambor
são inúteis nossos gritos
silêncio
tambor
neste mundo branco
somos considerados incômodas
manchas negras
apenas
silêncio
tambor de nostalgia
tambor de angústia
tambor de desesperança
silêncio
tambor
ninguém compreende nossa mensagem de dor.

PONTE DE OURO

Vou-me embora... Vou-me embora...
Ninguém escuta meu grito.
Tenho uma ponte de sonho
De minh'alma pro infinito.
Vou-me embora, estou cansado,
Cansado, irmão, vou-me embora.
Com tantas almas de pedra
É inútil esperar a aurora...

Não mais mandarei aos homens
A voz do meu telegrama.
Os homens, abutres de ódio,
Assassinam a quem ama.

Vou-me embora... Vou-me embora...
Não mais protesto nem grito.
Tenho uma ponte de sonho
De minh'alma pro infinito.

ECLIPSE

Olho no espelho
E não me vejo
Não sou eu
Quem lá está

Senhores
Onde estão os meus tambores
Onde estão meus orixás
Onde Olorum
Onde o meu modo de viver
Onde as minhas asas negras e belas
Com que costumava voar

Olho no espelho
E não me vejo
Não sou eu
Quem lá está

Senhores
Quero de volta
Os meus tambores
Quero de volta
Os meus orixás
Quero de volta
Meu Pai Olorum
Em seu esplendor sem par
Quero de volta
O meu modo de viver
Quero de volta
As minhas asas negras e belas
Com que costumava voar

Olho no espelho
E não me vejo
Não sou eu
Quem lá está

*séculos de destruição
sobre os ombros cansados
Estou eu a carregar
Confuso sem norte sem rumo
Perdido de mim mesmo
Aqui neste lado de mar
Um dia no entanto senhores
Eu hei de me reencontrar*

AMANHECER

(ou ANOITECER)

Durante muito tempo
Andei à procura de mim mesmo
Pelos caminhos da dor
Durante muito tempo
Andei à procura de mim mesmo
Pelos caminhos da dor

Andei à procura de mim mesmo
Por entre os escombros
De minha vida solapada
A procura do meu orgulho
Curvado a chicotadas
A procura dos meus tambores
Dos meus tambores guerreiros e festivos
Silenciados de repente

A procura dos Deuses protetores
Que regiam os acontecimentos
Antes do cataclismo branco

Não foi inutilmente
Que andei à procura de mim mesmo
Pelos caminhos da dor
Não foi inutilmente
Que andei à procura de mim mesmo
Pelos caminhos da dor

Eis que me reencontro afinal

Meu orgulho

Meus tambores

Meus Deuses

Estão despertos

Estão despertos novamente

Novamente despertos

Estão nas ruas do meu sangue

Novamente

RESISTÊNCIA

Tocai tambores tocai
Não tenho mais medo da morte
Sei que não vou desaparecer
Tocai tambores tocai

Em toda parte
Muitas mãos de ébano
Estão tecendo o destino da Raça

Sei que não vou desaparecer
Não tenho mais medo da morte
Não tenho mais medo de nada
Tocai tambores tocai
Tocai tambores da alvorada

PROTESTO

Mesmo que voltem as costas
Às minhas palavras de fogo
Não pararei de gritar
Não pararei
Não pararei de gritar

Senhores
Eu fui enviado ao mundo
Para protestar
Mentiras ouropéis nada
Nada me fará calar

Senhores
Atrás do muro da noite
Sem que ninguém o perceba
Muitos dos meus ancestrais
Já mortos há muito tempo
Reúnem-se em minha casa
E nos pomos a conversar
Sobre coisas amargas
Sobre grilhões e correntes
Que no passado eram visíveis
Sobre grilhões e correntes
Que no presente são invisíveis
Invisíveis mas existentes

Nos braços no pensamento
Nos passos nos sonhos na vida
De cada um dos que vivem
Juntos comigo enfeitados da Pátria

Senhores
O sangue dos meus avós
Que corre nas minhas veias
São gritos de rebeldia

Um dia talvez alguém perguntará
Comovido ante meu sofrimento
Quem é que está gritando
Quem é que lamenta assim
Quem é

E eu responderei
Sou eu irmão
Irmão tu me desconheces
Sou eu aquele que se tornara
Vítima dos homens
Sou eu aquele que sendo homem
Foi vendido pelos homens
Em leilões em praça pública
Que foi vendido ou trocado
Como instrumento qualquer
Sou eu aquele que plantara
Os canaviais e cafezais
E os regou com suor e sangue

Aquele que sustentou
Sobre os ombros negros e fortes
O progresso do país
O que sofrera mil torturas
O que chora inutilmente
O que dera tudo o que tinha
E hoje em dia não tem nada
Mas hoje grito não é
Pelo que já se passou
Que se passou é passado
Meu coração já perdoou
Hoje grito meu irmão
É porque depois de tudo
A justiça não chegou

Sou eu quem grita sou eu
O enganado no passado
Preterido no presente
Sou eu quem grita sou eu

Sou eu meu irmão aquele
Que viveu na prisão
Que trabalhou na prisão
Que sofreu na prisão
Para que fosse construído
O alicerce da nação
O alicerce da nação
Tem as pedras dos meus braços
Tem a cal das minhas lágrimas
Por isso a nação é triste
É muito grande mas triste
E entre tanta gente triste
Irmão sou eu o mais triste

A minha história é contada
Com tintas de amargura

Um dia sob ovações e rosas de alegria
Jogaram-me de repente
Da prisão em que me achava

Para uma prisão mais ampla
Foi um cavalo de Tróia
A liberdade que me deram
Havia serpentes futuras
Sob o manto do entusiasmo
Um dia jogaram-me de repente
Como bagaços de cana
Como palhas de café
Como coisa imprestável
Que não servia mais pra nada
Um dia jogaram-me de repente
Nas sarjetas da rua do desamparo
Sob ovações e rosas de alegria

Sempre sonhara com a liberdade

Mas a liberdade que me deram
Foi mais ilusão que liberdade

Irmão sou eu quem grita
Eu tenho fortes razões
Irmão sou eu quem grita
Tenho mais necessidade
De gritar que de respirar

Mas irmão fica sabendo
Piedade não é o que eu quero
Piedade não me interessa
Os fracos pedem piedade
Eu quero coisa melhor
Eu não quero mais viver
No porão da sociedade
Não quero ser marginal
Quero entrar em toda parte

Quero ser bem recebido
Basta de humilhações
Minha alma já está cansada
Eu quero o sol que é de todos
Quero a vida que é de todos
Ou alcanço tudo o que eu quero
Ou gritarei a noite inteira
Como gritam os vulcões
Como gritam os vendavais
Como grita o mar
E nem a morte terá força
Para me fazer calar

ALELUIA

Música para todos os homens

Venham todos cantar

Venham todos dançar

Aleluia

Música embaladora como braços maternos

Como rede

Música caída do céu como chuva benfazeja

Enraizada na aurora mais linda que o mundo já viu

Brotada da terra como planta vigorosa

Aleluia aleluia

Todos os homens

Venham todos cantar

Venham todos dançar

Música de ninguém

Música de todos

Feita de barro e de astros

De pés e de asas

De tambores e silêncios

Aleluia aleluia aleluia

Música para todos os homens

Para todos os homens

Cantarem

Dançarem

Ao compasso do Amor

MULHER NEGRA

Eu canto tua beleza
a noite de tua pele
a luz estelar de teus olhos oblíquos
o chocolate de teus lábios grossos
o luar de teu sorriso
os teus cabelos que não se desalinham
ao sopro do vento

Eu canto tua beleza
tua graça noturna
a música da tua voz
a dança de teus passos
o ritmo do teu andar

Eu canto tua beleza
tua suavidade de sombra
tua graça noturna
o mistério do teu corpo
esculpido em ébano

Eu canto tua beleza
a noite de tua pele
a luz estelar de teus olhos oblíquos
o chocolate de teus lábios grossos
o luar de teu sorriso
os teus cabelos que não se desalinham
ao sopro do vento
a tua ternura sem par

O SORRISO DE SÃO BENEDITO

à Dra. Iracema de Almeida

São Benedito do cimo do seu altar

Observa o homem poderoso

Que ajoelhado a seus pés

Reza com tanta devoção

São Benedito observa-o e sorri

O homem branco poderoso

O mais rico empresário da região

Presta ao Santo Negro suas homenagens

Manda-lhe flores

Assiste-lhe à missa

Segue-o na procissão

Reverencia-o de todo modo

E agora ajoelhado a seus pés

Reza com tanta devoção

São Benedito observa-o e sorri

Não um sorriso de escárnio
Que ele é todo humildade
É todo mansidão

Sorri um sorriso de tristeza
De tristeza e compaixão
Pois São Benedito sabe
Que o homem poderoso
O mais rico empresário da região
Não admite negro em sua empresa
Não vê em nenhum homem negro
Em nenhum homem negro um seu irmão

MEUS AVÓS

à Prof.^a Eunice de Paula Cunha

Os meus avós foram fortes
Foram fortes os meus avós

Orgulho-me dos meus avós
Que outrora
Carregaram sobre as costas
A cruz da escravidão

Orgulho-me dos meus avós
Que outrora
Trabalharam sozinhos
Para que este país
Se tornasse tão grande
Tão grande como hoje é

Os meus avós foram fortes
Foram fortes os meus avós

Este país meus irmãos é fruto
Das sementes de sacrifício
Que os meus avós plantaram
No solo do passado

Há muitas histórias
Sobre os meus avós
Que a História não faz
Questão de contar

Os meus avós foram bravos
Foram bravos os meus avós

Embora ainda não conhecessem
A nova terra
A que tinham sido transportados
Acorrentados como se fossem feras

Nos sinistros navios-negreiros
Embora ainda não conhecessem
A nova terra

Os meus avós fugiam das fazendas
Cidades bandeiras e minas
E se embrenhavam nas florestas
Perseguidos por cães e capitães-de-mato

Há muitas histórias
Sobre os meus avós
Que a História não faz
Questão de contar

E a história
Dos que desesperados
Se atiravam dos navios
No abismo do oceano
E eram acalentados
Por Iemanjá

E a história
Dos que enlouquecidos
Gritavam em vão
Chamando a mãe África
Saudosos da África
Ansiosos por estreitar
De novo nos braços
A velha mãe África

E a história
Dos que morriam de banzo
Dos que se suicidavam
Dos que recusavam
Qualquer alimento
E embora ameaçados
Por troncos e chicotes
Não se alimentavam
E acabavam morrendo
Encontrando na morte afinal
A porta da liberdade.

E as fugas em massa
Planejadas na noite das senzalas
E os feitores
Mortos nos eitos
E os senhores
Mortos nas casas grandes
E nas tocaias das estradas
Há muitas histórias
Sobre os meus avós
Que a História não faz
Questão de contar

Os meus avós foram bravos
Foram bravos os meus avós
Não me venham dizer
Que os meus avós se submeteram
Facilmente à escravidão
Não me venham dizer
Que os meus avós foram
Escravos submissos
Por favor não me venham dizer
Eu não aceito mentiras

Cortarei com a espada
Dos meus versos
A cabeça de todas as mentiras
Mal intencionadas
Com que pretendem humilhar-me
Destruir o meu orgulho
Falseando a verdade
A história dos meus avós

Os meus avós foram bravos
Foram bravos os meus avós

Apesar dos “castigos
Públicos para exemplo”

Apesar de flagelados
Na carne e na alma

Apesar de divididos
E oprimidos
Pelo regime aviltante

Apesar de todas
As crueldades sofridas

Os meus avós nunca
Nunca se submeteram

A escravidão

Há muitas histórias
Sobre os meus avós
Que a História não faz
Questão de contar

Os meus avós foram fortes
Foram bravos
Foram bravos foram fortes
Os meus avós

A quem ainda duvide
Aponto entre outras epopéias
A epopéia dos Palmares
Cujos quilombolas chefiados
Pelo herói negro Zumbi
Acuados pelos inimigos
Muito mais bem armados
E muito mais numerosos
Esgotadas todas as forças
Apagadas as esperanças
Despenham-se da Serra da Barriga
Preferindo a morte gloriosa
À infame vida de escravos

Aponto as revoltas malés

Quanto os batá-cotôs

(Tambores guerreiros)

Puseram em pânico

A cidade da Bahia

Aponto o quilombo de Jabaquara

Outro exemplo de bravura

Dos meus avós

Aponto as sociedades negras secretas

Que angariavam fundos

Para comprar alforria

De irmãos escravizados

Há muitas histórias

Sobre os meus avós

Que a História não faz

Questão de contar

Meus avós foram fortes

Foram bravos

Foram bravos foram fortes

Os meus avós

CANÇÃO

Será amanhã irmãos
Ele chegará
Pelo caminho das estrelas
Não se desesperem

Será amanhã irmãos
Fraternidade
Vida boa
Pão com fartura
Para todos
Pão e luz
Com fartura
Para todos

Será amanhã irmãos
Ele chegará
Pelo caminho das estrelas

Bandeiras inquietas
Já tremulam no horizonte
Tenho toda a certeza
Será amanhã irmãos
Não se desesperem
Olhos famintos
Magras mãos convulsas
Não se desesperem

Será amanhã irmãos
Ele chegará
Pelo caminho das estrelas
Seus passos são incontroláveis
Ninguém consegue impedir
O nascimento do sol
Será amanhã irmãos
Será amanhã
Fraternidade
Cânticos
Danças
Alegria

Pão com fartura
Para todos
Pão e luz
Com fartura
Para todos
Será amanhã
Amanhã irmãos
Ele chegará
Pelo caminho das estrelas
Seus passos são incontroláveis

Bandeiras inquietas
Já tremulam no horizonte
Ninguém consegue impedir
O nascimento do sol
Será amanhã
Amanhã irmãos

AUTO-RETRATO

Eu sou a noite
sem destino
esbofeteada pelo vento
nesta selva branca

Noite
que procura caminho
como o faminto
procura o pão.

Noite
que conserva
orgulhosamente

A despeito de tudo
um punhado de estrelas
em cada mão

I N D I C E

Págs.:

Prefácio	9
Tambor N.º 1	13
Crime	14
Questão de Sorte	15
Pés Brancos Sobre Estrelas	16
Meu Quilombo	17
Identidade	18
Inocência	19
Pedras	20
Fênix	21
Irmãos	22
Alma Branca	23
Rebeldia	24
Mãe	25
Tema de Natal	27
Poema Verídico	29
Tambor N.º 2	32
Ponte de Ouro	33
Eclipse	35
Amanhecer	38
Resistência	40
Protesto	41
Aleluia	50
Mulher Negra	52
O Sorriso de São Benedito	54
Meus Avós	57
Canção	70
Auto-Retrato	75